

**COELHO NETO, A. (2013): ALÉM DA REVISÃO:
CRITÉRIOS PARA REVISÃO TEXTUAL**

Anne Caroline de Moraes Santos (UVA E FACHA)
annemorais17@hotmail.com



COELHO NETO (2013), Aristides. *Além da revisão: critérios para revisão textual*. 3. ed. Brasília: Editora Senac. 324pp.

<https://www.livrariasenac.com.br/produto/2115783/0/alem-da-revisao-criterios-para-revisao-textual-3a-ed>.

Se buscarmos em plataformas de pesquisa pela palavra “revisão”, encontraremos uma série de *sites* profissionais para divulgação desse serviço. Inúmeros são os profissionais que investem nessa área ou que fazem dela um trabalho extra. A área de formação desses profissionais é, em geral, o curso de Letras ou de Comunicação Social, pois são sujeitos que desenvolvem reflexões sobre a escrita ao longo do curso. O próprio Aristides Coelho Neto é arquiteto e professor de artes plásticas. No curso de Bacharel em Letras, por exemplo, os alunos fazem inúmeras disciplinas, cujo foco são os estudos das gramáticas, da produção textual, dos gêneros textuais. Não é comum, no entanto, deparar-se com disciplinas que tratem sobre o trabalho de revisão. As discussões sobre essa área são obtidas fora da Academia, por meio de livros e cursos de extensão.

Diante desse cenário, fica evidente que são poucos os debates que problematizem conhecimentos acerca da revisão textual. A obra *Além da revisão*, de Aristides Coelho Neto, faz parte dessa literatura que se preocupa em refletir sobre os conceitos e parâmetros que envolvem essa atividade profissional.

Já em sua Introdução, o autor destaca os obstáculos vividos pelos revisores, como a desvalorização da figura do revisor e a remuneração baixa. É comum o desmerecimento desse profissional, como se não existisse técnica em sua atividade, uma vez que qualquer sujeito alfabetizado no Brasil conseguiria escrever um texto. Sobre essa perspectiva, o autor é

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

crítico, ressalta a importância do revisor e questiona a autossuficiência do autor e o uso de tecnologias que ocupariam o lugar desse profissional. Cabe ao revisor observar a construção textual da obra com toda a sua experiência para retirar desvios, que podem comprometer a clareza e fluidez do texto, além de afastar erros de digitação, ortografia entre outros. Sobre isso, Aristides Coelho Neto (2013, p. 135) diz: “julgamos que o redator, muitas vezes, não tem intimidade com todos os procedimentos que aumentam a qualidade do texto”. Não há um desmerecimento do conhecimento textual do autor, mas o destaque ao conhecimento linguístico do revisor que o capacita a exercer “uma posição de crítico construtivo do material escrito”.

Para apontar os problemas do texto, é importante que o revisor tenha conhecimento das técnicas de redação, além de estar a par dos conhecimentos necessários para iniciar o processo de revisão. A obra de Aristides traz reflexões sobre esses conhecimentos.

Antes de tratar exatamente sobre o fazer prático do revisor e suas implicações, o autor da obra aqui resenhada apresenta ao leitor informações acerca das formas de escrita desde a cuneiforme até o alfabeto ocidental e aborda as mudanças históricas atreladas ao desenvolvimento das formas de produção e reprodução dos textos, inclusive destacando a forma virtualizada presente no século XXI.

Ainda na primeira parte de contextualização, faz um breve subcapítulo sobre a História da revisão textual, apontando a proximidade entre revisores e autores, alguns, inclusive, como o poeta e revisor Dolet, que se aventura a escrever após seu trabalho de revisão com grandes autores de sua época, como Rabelais. Essa parte foi muito pouco desenvolvida na obra de Aristides, seria interessante saber mais do papel do revisor em outras épocas e sociedades em contraste ao que presenciamos nos dias atuais.

O segundo capítulo da obra traz reflexões que pairam na vida do revisor, como a discussão sobre preconceito linguístico e o uso das gramáticas. É evidente que vivemos em um país em que a gramática normativa é valorizada em detrimento de outras. A perfeição textual estaria relacionada ao uso exato das regras gramaticais. Veríssimo, em seu texto “O gigolô das palavras”, ressalta que escrever bem não significa escrever em total acordo com essas regras. Um revisor que corrige toda a fala de uma personagem pobre do interior do Rio de Janeiro porque considera não estar de acordo com a norma padrão não compreende que a beleza, a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

criatividade e o bom desenvolvimento dos textos vão muito além dessa normatização. Nesse momento, Aristides Coelho Neto aproveita para então discutir sobre as atribuições do revisor. No que mexer? Para responder a essa pergunta, obra destaca que o revisor deve ser fiel ao original, pois ele não é o autor do texto. Se sua atividade envolve o serviço de copidesque, por exemplo, precisa encontrar o estilo do autor para poder modificar o texto, mantendo o que se quis afirmar. Independente de gostar ou não do texto escrito pelo autor, o papel do revisor deve estar bem delimitado ao tipo de revisão que precisa empregar no texto sem ultrapassar os limites entre autor e revisor.

Com base nessa premissa, Coelho Neto aponta quais são os instrumentos necessários para se revisar, como uso de dicionários e gramáticas, além do hábito de leitura. Hoje há dicionários virtuais, como o Houaiss que vende seu produto impresso junto a um CD que pode ser baixado no computador. Em um mundo virtualizado como o de hoje, isso facilita e muito o fazer do revisor que carrega consigo o dicionário para onde levar seu computador. Ademais, esse recurso facilita a busca mais rápida pelas palavras.

Depois de tratar sobre esses instrumentos, o autor aborda os tipos de revisão, da primeira à terceira. A primeira seria realizada pelo próprio autor do original. No entanto, por estar em um processo de escrita exaustivo do texto, não tem condições de realizar as outras revisões necessárias, pois “há detalhes que fogem à sua percepção” (COELHO NETO, 2013, p. 107), mesmo que esse sujeito consiga concatenar bem suas ideias no texto. Há também a primeira revisão realizada pelo revisor que precisaria se familiarizar com o texto, colocando-se no papel de leitor e fazendo as primeiras mudanças.

A segunda revisão seria a realizada na comparação entre as revisões anteriores e as novas leituras. Importante o revisor ter salvado arquivo com os ajustes feitos para que possa comparar quando estiver realizando a segunda e a terceira revisão. Mexer no original sem salvar as mudanças pode atrapalhar o processo de revisão, já que depois o revisor precisará identificar, em comparação ao original, o que foi alterado por ele próprio ou o que foi realizado pelo autor da obra. Hoje se usa muito a opção “controle de alterações” do *Word*. Importante não esquecer de retirar os comentários que não serão enviados ao autor.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A terceira revisão seria a do prelo, já com a obra diagramada, editada. Antes que ela seja impressa, é importante fazer uma última revisão para que o material não saia com erros.

O livro segue apresentando de forma bem sucinta algumas questões, que devem ser observadas pelo revisor, como a forma de colocar comentários no arquivo. É comum que o revisor insira comentários para ele próprio (dúvidas, por exemplo) ou para o autor. Destaca também os principais desvios cometidos pelos autores, como digitação, repetições, marcas da oralidade, uso de hifens e travessões entre outros.

Para enriquecer a obra, Aristides Coelho Neto traz exemplos de revisões passadas feitas por ele, com comentários e problematizações acerca das mudanças realizadas. Interessante poder ver na prática os caminhos escolhidos por ele e perceber que revisar requer escolhas, técnica, olhar crítico, entendimento da tarefa objetiva do revisor, conhecimento sintático, semântico, morfológico entre muitos outros.

Não é tarefa fácil cuidar do texto escrito por outrem. Estamos falando de um trabalho que age sobre a árdua criação do autor, cujo desejo é ver sua criação lapidada. Para isso, é necessário profundo conhecimento sobre as técnicas envolvidas. Encarar a revisão como profissão que exige dado conhecimento é importante, pois a desvalorização desse exercício pode estar atrelada ao baixo grau de cientificidade dada à área. Faz-se necessário refletir sobre isso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

COELHO NETO, Aristides. *Além da revisão: critérios para revisão textual*. 3. ed. Brasília: Senac, 2013.